

OUTROS TÍTULOS DE INTERESSE:

A Exploração Mineira Romana e a Metalurgia do Ouro em Portugal
Carla Maria Braz Martins

Mineração e Povoamento na Antiguidade no Alto Trás-os-Montes Ocidental
Carla Maria Braz Martins (coord.)

POVOAMENTO E EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS MINEIROS NA EUROPA ATLÂNTICA OCIDENTAL

COORD.
CARLA MARIA BRAZ MARTINS
ANA M. S. BETTENCOURT
JOSÉ INÁCIO F. P. MARTINS
JORGE CARVALHO



POVOAMENTO E EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS MINEIROS NA EUROPA ATLÂNTICA OCIDENTAL

COORD.
CARLA MARIA BRAZ MARTINS
ANA M. S. BETTENCOURT
JOSÉ INÁCIO F. P. MARTINS
JORGE CARVALHO



POVOAMENTO E EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS MINEIROS NA EUROPA ATLÂNTICA OCIDENTAL

COORD.
CARLA MARIA BRAZ MARTINS
ANA M. S. BETTENCOURT
JOSÉ INÁCIO F. P. MARTINS
JORGE CARVALHO



CARLA MARIA BRAZ MARTINS
Investigadora do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, bolsreira de Pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia e colaboradora externa da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. O seu interesse científico compreende as áreas da mineração, ourivesaria e povoamento desde a Idade do Ferro à Romanização.

ANA M. S. BETTENCOURT
Professora Auxiliar com Agregação do Departamento de História da Universidade do Minho. Investigadora do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. Tem como principais interesses de investigação o povoamento, as práticas e os contextos funerários, a arte rupestre e a metalurgia em interação com as condições paleoambientais da Pré-História da Península Ibérica.

JOSÉ INÁCIO F. P. MARTINS
Professor Associado com Agregação da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Os seus temas de interesse científico inserem-se nas áreas de corrosão, materiais, electroquímica aplicada (baterias, electrometalização, células de combustível), processos de separação de minérios por meios físicos e/ou químicos e semicondutores orgânicos.

JORGE M. C. M. CARVALHO
Professor Auxiliar da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto e investigador do Centro de Investigação em Geo-Ambiente e Recursos - CIGAR. Os seus principais temas de interesse científico compreendem os métodos geofísicos (aplicados à prospecção/caracterização do subsolo nos domínios da arqueologia e engenharia geotécnica e de minas) e matemática aplicada (processamento de sinal e geoestatística).

POVOAMENTO E EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS MINEIROS NA EUROPA ATLÂNTICA OCIDENTAL

COORD.

CARLA MARIA BRAZ MARTINS

ANA M. S. BETTENCOURT

JOSÉ INÁCIO F. P. MARTINS

JORGE CARVALHO



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA



APEQ

FICHA TÉCNICA

Título: Povoamento e Exploração dos Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental

Coordenação: Carla Maria Braz Martins, Ana M. S. Bettencourt, José Inácio F. P. Martins, Jorge Carvalho

Figura da capa: *Torques* de Póvoa de Lanhoso, Museu D. Diogo de Sousa, Braga; Mina de Deilão, S. Pedro do Sul (fotografias de Carla Maria Braz Martins)

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»
APEQ – Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário

Design gráfico: Helena Lobo www.hldesign.pt

ISBN: 978-989-97558-5-7

Depósito Legal: 337978/11

Concepção gráfica: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. www.sersilito.pt

Braga, Dezembro 2011

SUMÁRIO

Apresentação

Carla Maria Braz Martins, Ana M. S. Bettencourt, José Inácio F. P. Martins e Jorge Carvalho	7
--	---

1. PAISAGEM E MINERAÇÃO

<i>Challenges and prospects of Geographic Information Systems in Bronze Age hoards in Atlantic Europe</i> Beatriz Comendador Rey e Alejandro Manteiga Brea	15
<i>O papel social das amortizações metálicas na estruturação da paisagem da Idade do Bronze do Noroeste Português: os montes da Penha (Guimarães) e da Saia (Barcelos)</i> Hugo Aluai Sampaio	31
<i>Le programme MINEDOR. Caractérisation archéologique et paléoenvironnementale des mines d'or arvernes de Haute-Combraille (Auvergne, France)</i> Frédéric Trément en collaboration avec Jacqueline Argant, Elise Brémon, Hervé Cubizolle, Bertrand Dousteysier, José Antonio López-Sáez, Guy Massounie, Pierre Rigaud e Alain Veron	55
<i>Aprovechamiento de mineral de hierro en el monte Basagain (Anoeta, Gipuzkoa, Euskal Herria) desde la Protohistoria hasta nuestros días. Estudio preliminar</i> Sonia San Jose Santamarta	71
<i>Of slags and men. Iron mining and metallurgy in the Mira valley (Southwest Portugal) from Iron Age to the Middle Ages</i> Jorge Vilhena e Mathieu Grangé	83

<i>Minería romana en el Noroeste de Hispania: tecnología minera y explotación del territorio</i>	
F.-Javier Sánchez-Palencia	113
<i>Explotación minera y poblamiento romano a Orillas del Cantábrico</i>	
Cármén Fernández Ochoa e Ángel Morillo Cerdán	133
<i>Los yacimientos auríferos primários de la provincia de León (España): técnicas de explotación romana</i>	
Roberto Matías Rodríguez.	155
<i>Minería romana y poblamiento en la cuenca del baixo Miño (Noroeste Peninsular)</i>	
Brais X. Currás Refojos e Luis F. López González	179
<i>Paisagem, Povoamento e Mineração Antigas no Vale Alto do Rio Terva, Boticas</i>	
Lúis Fontes, Mafalda Alves, Carla Maria Braz Martins, Bruno Delfim e Eurico Loureiro	203
<i>Contribuição para o estudo da mineração romana de ouro na bacia do Rio Terva (Norte de Portugal)</i>	
Alexandre Lima, Roberto Matías Rodríguez e Alexandra Mendonça.	221
<i>Contribuição para o estudo da mineração romana de ouro na Serra das Banjas (Norte de Portugal)</i>	
Alexandre Lima, Roberto Matías Rodríguez, Natália Félix e Maria Antónia Silva. . .	237
<i>Chão das Servas no panorama mineiro do rio Ocreza (Vila Velha de Ródão)</i>	
Susana Rodrigues Cosme.	251
<i>Una aproximación etnoarqueológica al trabajo del estaño en el valle del río Ribeira y la zona del Tameirón (A Gudiña, Ourense, NW Peninsular)</i>	
Cristina Isaura Fernández Fernández.	261

2. ARQUEOMETALURGIA

<i>The inception and nature of extractive metallurgy in Western Europe</i>	
Paul T. Craddock	281
<i>Arqueometalurgia na Europa Atlântica – o ouro antes do ferro</i>	
Barbara Armbruster	313

<i>Prehistoric copper mining and metallurgical expertise in Ireland</i> William O'Brien	337
<i>Achados metálicos de cobre no baixo Vouga (Centro-Norte de Portugal)</i> Carlos Manuel Simões Cruz, Ana M. S. Bettencourt, Elin Figueiredo e Maria de Fátima Araújo	359
<i>First bronzes of North-West Iberia: the data from Fraga dos Corvos habitat site</i> João Carlos Senna-Martínez, Elsa Luís, Maria de Fátima Araújo, Rui Silva, Elin Figueiredo e Pedro Valério	377
<i>Produção e práticas metalúrgicas da Idade do Bronze no Noroeste Português: o sítio do Pego, Braga</i> Hugo Aluai Sampaio e Ana M. S. Bettencourt	391
<i>Metallurgy and society in “Baiões/Santa Luzia” culture group: results of the METABRONZE project</i> João Carlos Senna-Martínez, Elin Figueiredo, Maria de Fátima Araújo, Rui Silva, Pedro Valério e João Luís Inês Vaz	409
<i>Metalurgia do castro do Cabeço da Argemela (Fundão): formas, conteúdos, produções e contextos</i> Raquel Vilaça, Sara Almeida, Carlo Bottaini, João Nuno Marques e Ignacio Montero-Ruiz	427
<i>Tesoros olvidados. Propuestas para el estudio e interpretación del conjunto de orfebrería castreña de Recouso (San Martiño de Marzoa, Oroso, A Coruña)</i> Óscar García Vuelta e Xosé-Lois Armada	453
<i>Identificação de possíveis oficinas metalúrgicas na Citânia de Briteiros (Noroeste de Portugal)</i> Gonçalo P. Cruz e José Antunes	463
<i>A actividade metalúrgica/mineira no povoado de São Faraústo 2 (Oriola, Portel)</i> Susana Rodrigues Cosme	471
<i>Metalurgia del hierro en el yacimiento tardoantiguo de El Castellón (Santa Eulalia de Tábara, Zamora)</i> José Carlos Sastre Blanco, Antonio J. Criado Portal e Patricia Fuentes Melgar	483

3. PROSPECÇÃO GEOFÍSICA

<i>Técnicas não intrusivas na prospecção arqueológica</i> Fernando Almeida e Jorge Carvalho.	503
<i>Aplicação do geo-radar no reconhecimento de uma estrutura no complexo mineiro de Três Minas, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real</i> Carla Maria Braz Martins, Jorge Carvalho, Fernando Almeida e Abílio Cavalheiro.	521
<i>Prospecção geofísica na avaliação do potencial arqueológico da Fábrica de vidros do Côvo (Oliveira de Azeméis)</i> João Tiago Tavares, Abílio Cavalheiro, Fernando Almeida, Jorge Carvalho e Pedro Garcia	535

O PAPEL SOCIAL DAS AMORTIZAÇÕES METÁLICAS NA ESTRUTURAÇÃO DA PAISAGEM DA IDADE DO BRONZE DO NOROESTE PORTUGUÊS: OS MONTES DA PENHA (GUIMARÃES) E DA SAIA (BARCELOS)

HUGO ALUAI SAMPAIO¹

“...we must therefore avoid saying that our body is in space, or in time. It inhabits space and time”. Maurice Merleau-Ponty (1962, p. 138-139)

“Os depósitos não gozam de visibilidade, ainda que possam ser referenciados no espaço; e a sua invisibilidade não é impeditiva de terem sido manipulados num processo conceptual de transformação do espaço de construção de territórios, pois há muitas formas de apropriação do espaço”. Raquel Vilaça (2007, p. 25)

1. NOTA INTRODUTÓRIA

O presente texto foi escrito com plena consciência dos obstáculos existentes relativos ao estudo e à problemática interpretativa dos depósitos metálicos. Como afirma Raquel Vilaça (2007, p. 7) *“Não há, nem pode haver, sintonia nas explicações que têm sido propostas, pois a diversidade do fenómeno impede-o”*.

Se por um lado são parcas ou inexistentes as informações relativas à maioria desses contextos, por outro, as “descobertas” aconteceram, invariavelmente, pela mão de cidadãos comuns (trabalhadores, proprietários de terrenos, etc.). Como tal, não tem sido possível perceber muitas das condições primárias em que se encontravam

¹ Doutorando da Universidade do Minho. Bolseiro da FCT. Investigador do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. hugoaluai@gmail.com.

este tipo de materialidades, pois delas restam apenas descrições orais tantas vezes ambíguas. É neste quadro que se inscrevem a maioria dos achados nos dois casos de estudo aqui analisados: os Montes da Penha e da Saia. Pese embora a pouca informação arqueográfica e arqueológica de que dispomos, acreditamos existirem variáveis metodológicas que podem contribuir para novas interpretações sobre alguns destes fenómenos e dos propósitos por detrás de tais acções. Estas passam por um estudo contextual das materialidades a diferentes escalas de análise e pela adopção de novas premissas teóricas.

Assim, não se pretende um estudo arqueográfico e meramente descritor de objectos metálicos – apesar dos méritos que lhes reconhecemos – mas antes uma análise da concentração anómala de certos achados em determinados contextos e o equacionar de hipóteses sobre os motivos culturais por detrás dessas concentrações e sobre o seu papel social na estruturação das paisagens da Idade do Bronze do vale do Ave.

Para tal, baseámo-nos em dois lugares que nos pareceram significativos: o Monte da Penha, em Guimarães, no curso médio do Ave, e o Monte da Saia, em Barcelos, no curso inferior desta bacia fluvial (Fig. 1). Se para o primeiro já tínhamos ensaiado algumas interpretações similares às aqui propostas (Sampaio *et al.*

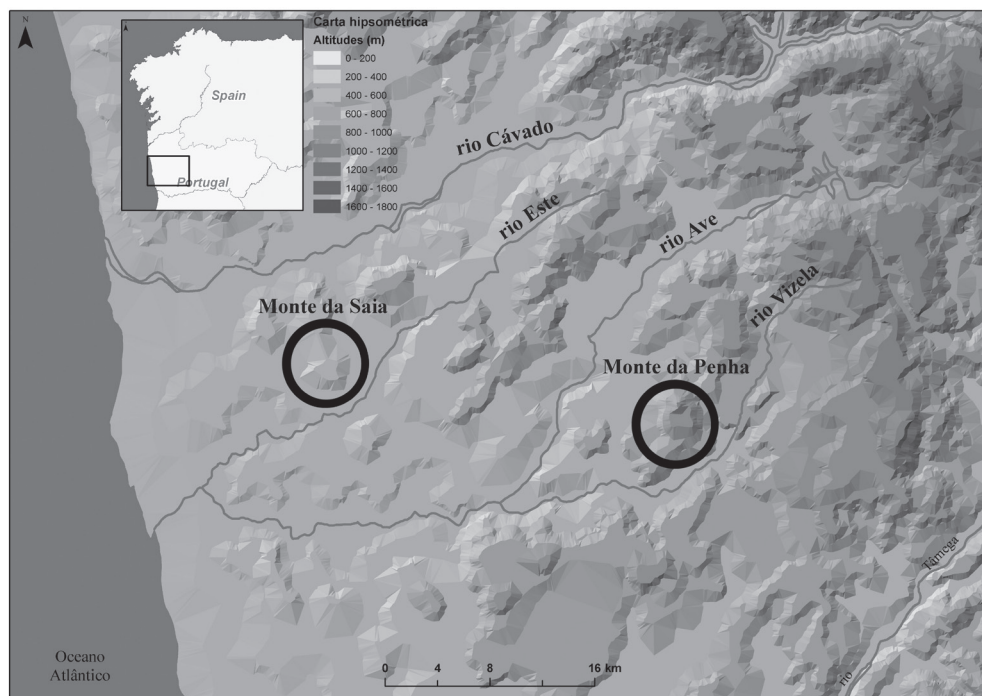


Figura 1. Localização dos Montes da Penha e da Saia no vale do Ave (mapa Luís Sousa).

2009), tornava-se necessário sujeitar o segundo às mesmas premissas teóricas e realizar um exercício comparativo entre eles.

2. METODOLOGIA

Para a consecução deste trabalho aplicámos duas escalas de análise distintas. Num primeiro momento abordámos os contextos de deposição das diferentes materialidades à micro-escala. Sempre que foi possível, mediante a leitura prévia das referências bibliográficas e a visita ao local, especificámos as suas condições de achado. Posteriormente, recorrendo a uma média-escala de análise, tentámos interpretar tais evidências no âmbito dos contextos físicos e arqueológicos mais alargados com que se associavam. Assim, tornou-se necessária a descrição de ambos os espaços a que os depósitos se vinculam, não apenas ao nível físico como também etnográfico, o que, na nossa perspectiva, traduz o impacto social que esses lugares parecem ter tido nas comunidades que com eles interagiram. Isto porque, para além das suas características físicas ímpares, neles estão ancoradas lendas e crenças relacionadas com a geologia e a hidrologia local e com os vestígios ancestrais de ocupação humana.

Enquanto linhas de orientação basilares de investigação adoptámos essencialmente cinco conceitos que passaremos a explicitar, sendo eles o de depósito/deposição, de materialidade, de paisagem, de espaço animado, de lugar e de rede de lugares.

Por depósito/deposição entendemos a acção intencional que culminou na amortização de objectos em determinados contextos, funcionando como “*potenciais instrumentos de (de)marcação simbólica e de sacralização do espaço por parte das comunidades*” (Vilaça 2007, p. 16), verdadeiras “*expressões materiais de actividades de importância comunal*” muitas vezes manifestadas “*de forma multipolar num espaço mais alargado*” (Vilaça 2007, p. 23-25).

O conceito de materialidade substitui o de “cultura material”, tentando contrariar o pensamento moderno que tendencialmente separa a mente da matéria (Thomas 2004). Ao elegermos o termo materialidade partimos igualmente do pressuposto de que a matéria será um agente activo sobre a cultura e não apenas um seu reflexo. Resultando de quadros mentais mais complexos, entretanto perdidos, as materialidades actuam sobre diversas estratégias da prática social. O seu próprio significado relacionar-se-á mais com os contextos sociais em que se enquadram do que propriamente com as suas características formais e/ou funcionais. As materialidades resultam da agência humana no mundo e, facilitando as relações sociais, orientam a acção mediante um número de possíveis trajectórias traçadas pelas biografias de diferentes grupos de agentes (Barrett 2001), servindo a propa-

gação ou a refração de valores, de necessidades, de expectativas, de percepções, de relações, etc., e incentivando a alteração, a construção e/ou a reconstrução do mundo simbólico que “habita” o mundo e, por extensão, os grupos humanos responsáveis pela sua “produção”.

A separação categórica dos conceitos de natureza e de cultura resulta da crescente instrumentalização da razão iniciada com o Iluminismo (Thomas 2001), encontrando-se espelhada em muita da bibliografia da especialidade. Na tentativa de rejeitarmos essa cisão e seguindo Tim Ingold (2000), adoptámos o conceito de paisagem percebida como o somatório das características tidas como “naturais”, isto é, o meio físico, com o resultado da agência humana no meio em que os grupos humanos habitam e com o qual se inter-relacionam quotidianamente. No entanto, como afirma J. Thomas (2001, p. 166), *“landscape is a singularly complex and difficult concept. The word as multiple meanings and its precise significance has shifted repeatedly in historic times”*. Mais do que um mero “suporte” subsistencial, a paisagem é o entendimento que as comunidades vão conservando do mundo em que estão imersas, sendo caracteristicamente dinâmica. Não deveremos esquecer que percebemos e percebemos o mundo porque vivemos e estamos emaranhados nele, fazendo parte dele como ele é parte de nós (Tilley 2004).

Percebemos ainda a paisagem e o meio envolvente como animado, como a Antropologia e a Etnologia tantas vezes têm demonstrado. J. Thomas (2001, p. 175), analisando os estudos de H. Morphy (1995), de I.-M. Mulk (1994) e de C. Tilley (1994), sublinha como a paisagem é vista, por algumas comunidades, como *“in some sense animated and involved in a kind of reciprocity with human beings”*. C. Tilley (2004, p. 18 e 20-21) menciona que o mundo é animado, vivo, activo, produto da interacção entre o corpo e as coisas que o rodeiam, onde todos somos *“animistas primitivos”* – algo tendencialmente esquecido pelo homem moderno. Deste modo, deveríamos pensar nos lugares e nas paisagens animisticamente, de forma análoga ao modo como pensamos as pessoas, isto é, como entidades que podem e fazem a diferença (Tilley 2004). Tal como referem J. Brück e M. Goodman (2001), as relações com a paisagem são muitas vezes expressas e mantidas através de mitos que investem os lugares com significados, o que os torna tanto numa fonte de metáfora para as relações sociais como uma manifestação física de cosmologias. As propriedades “admiráveis” do meio físico e a falta de explicações científicas para os fenómenos a que as comunidades assistiam poderiam aportar poderes especiais e narrativas que, passadas de geração em geração, personificariam um vasto sistema de crenças (Bradley 2000).

O conceito de lugar adoptado é o de J. Thomas (2001, p. 173), definido como algo *“revealed through people’s habitual activities and interactions, through the closeness and affinity that they have developed for some locations (...) causing*

them to be remembered or incorporated into stories”. Como sustentam S. Feld e K.H. Basso (1996) e R.M. Van Dyke e S. Alcock (2003), trata-se do resultado de agências e de celebrações, de histórias, de sentidos e de significados que, através de eventos passados e presentes, de relações e de emoções, permite às comunidades ganharem um sentido de lugar e criarem biografias de lugares (Dietler & Herbich 1993; Pollard 2001). O uso de lugares, situando e estruturando os movimentos dos grupos humanos, concedendo identidades aos ocupantes/frequentadores, às suas vidas, aos seus valores e às suas relações com outras pessoas e com outros lugares na paisagem (Ingold 1993), permite que mecanismos de memória e de comemoração desses mesmos lugares se tornem, por si só, relevantes. Os *loci* experienciados contribuem, assim, ao longo das “rotinas vividas”, para a construção de uma rede de lugares de uso social, decisivas para a construção de identidades partilhadas e para a circulação das comunidades no espaço. Estes *loci* são frequentemente lembrados e incorporados em histórias e, por vezes, materializados, como é o caso dos Montes da Penha e da Saia aqui estudados.

3. O MONTE DA PENHA

3.1. Caracterização física, ambiental e cultural

O Monte da Penha, que abarca as freguesias de Costa, a Noroeste; de Mesão Frio, a Norte; de Infantas, a nascente, e de S. Tomé de Abação e de Pinheiro, a Sul, situa-se no curso médio da bacia do rio Ave, entre o interflúvio dos rios Selho e Vizela, a Este da cidade de Guimarães, no distrito de Braga (Fig. 1 e 2). É uma elevação alongada no sentido Norte-Sul, com cerca de 5 km de comprimento, que atinge os 613 metros de altitude máxima e que se destaca entre as colinas e os montes circundantes. Refere M. Cardoso (1971, p. 240) que do “*alto da Penha (...)* [se obtém] *um panorama surpreendente sobre todo o giro do horizonte, divisando-se de ali, a oeste, uma fímbria do Atlântico (...) entre Esposende e Póvoa de Varzim*”.

É constituído por rochas graníticas hercínicas onde predomina o “Granito de Guimarães”, embora, ao longo da vertente Este, exista uma grande faixa de granodiorito porfiróide, orientado, biotítico, com grandes mega cristais de feldspato potássico e uma orla de metamorfismo de contacto incluindo corneanas (Fig. 2). A cerca de 10 km para Sudeste, em Santa Eulália de Margaride, a Norte de André, em Felgueiras, estão identificadas jazidas de estanho sobre a denominada Unidade de Vila Nune, de origem silúrica (C.G.P., fl. 9-B, esc. 1:50 000, 1986). Inúmeros afloramentos e uma diversidade granítica de várias escalas denunciam processos erosivos de meteorização que contribuíram para a formação de colinas e de for-

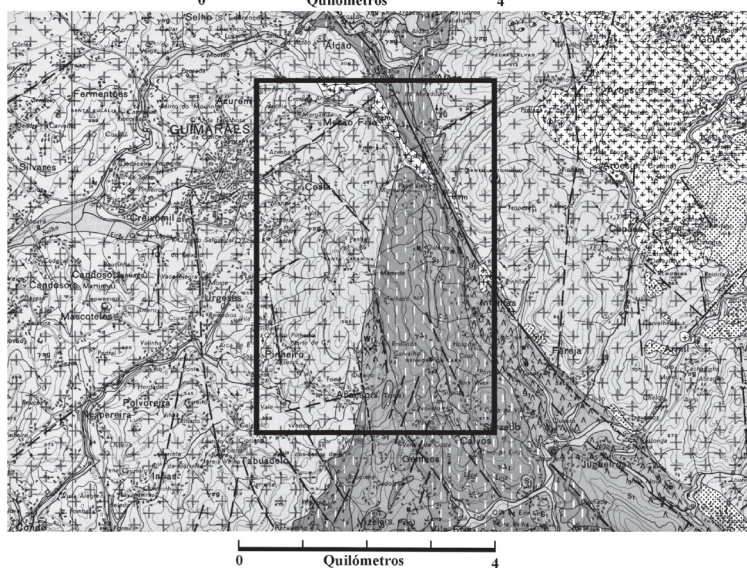
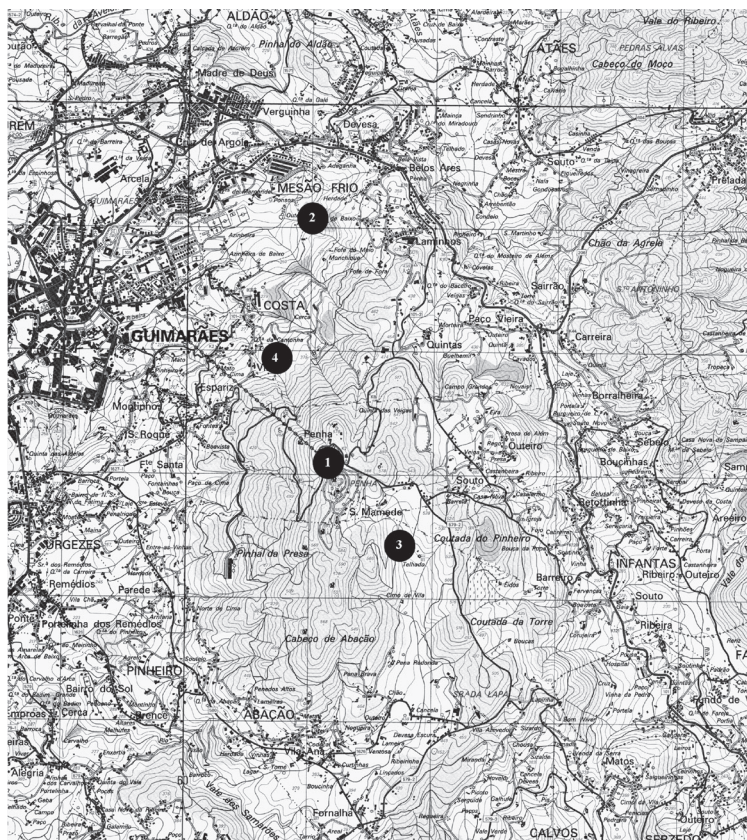


Figura 2.
 Em cima, excerto de C.M.P., fl. 85, esc. 1:25 000, com a localização dos diferentes achados (a do nº 2 é aproximada).
 Em baixo, excerto de C.G.P., fl. 9-B, Guimarães, esc. 1:50 000. O rectângulo insere o Monte da Penha.

mas menores tipo domo, blocos e bolas de grande dimensão que, frequentemente associadas, afeioam abrigos naturais (Fig. 3). Diversos cursos de água e fontes conferem às suas vertentes um aspecto recortado.

A vegetação actual, constituída por espécies arbustivas e, em maior número, arbóreas, integra desde meados do século passado um processo controlado de reflorestação que incluiu espécies alóctones, remetendo a sua aparência granítica para segundo plano. A crescente importância religiosa, turística e lúdica, especialmente a partir de finais do século XX, colaborou para a desformatação “original” do monte, destacando-se a construção de acessos, de passeios, de saneamentos e de um parque de campismo.

A imaginária levou as comunidades a conferirem diversos sentidos e propriedades, por vezes sobrenaturais, a muitos *loci* por todo o monte, hoje perceptíveis por lendas, mitos e pela sua cristianização. É o caso do “*Penedo do Sino*” e do “*Penedo do Tambor*” (relacionados com sons, por vezes assustadores), do “*Penedo do Escrivão*” (que ninguém consegue partir), do “*Penedo dos Quartos*” (que teria pias escavadas), do “*Penedo que Abana*” (que está solto mas que não rola), das “mouras encantadas”, dos “tesouros” e das águas que, à fractura de penedos, inundariam Guimarães. A transformação do local em espaço de culto cristão ocorreu, pelo menos, desde o séc. XVIII (1702), sendo diversas as arquitecturas e as práticas associadas a tal fenómeno (Barroso 2004).

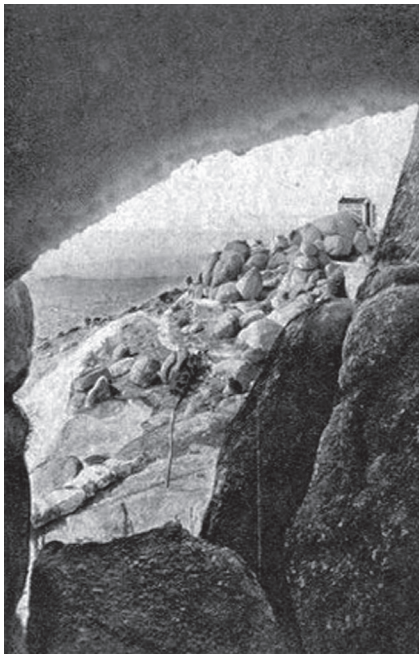


Figura 3.

A natureza granítica da Penha a partir de um abrigo local (fonte: colecção privada *Lusapens* disponível em www.postaisportugal.canalblog.com).

3.2. Ocupação humana durante a Pré-História e a Proto-História

O tipo de materialidades encontradas na parte Oeste do Monte da Penha e os seus contextos de achado permitiram-nos considerar que o local foi frequentado desde, pelo menos, o Calcolítico, até provavelmente à Idade do Ferro, e que a maioria dos achados proviria de contextos fechados resultantes de actos que teriam culminado na deposição de artefactos de pedra, de cerâmica, de metal e, talvez, de cadáveres (Sampaio *et al.* 2009).

Ao Calcolítico, senão antes, pertencerão os objectos encontrados maioritariamente no interior de abrigos naturais de topo, essencialmente a Norte da plataforma ocidental do monte. Contam-se, entre estes: diversos machados de pedra polida; esferóides de granito; seixos rolados; um disco de granito perfurado no centro e gravado com um motivo radial; pontas de seta em sílex, em quartzito e em xisto, duas de base triangular e uma de base côncava; vasos cerâmicos com decorações incisivas metopadas; uma lâmina em sílex; polidores; trituradores; fragmentos de pias e pedaços de hematite vermelha. Desta área genérica provêm, ainda, um fragmento de um recipiente cerâmico com motivo oculado e um outro de um vaso campaniforme de tipo pontilhado geométrico. Ambos pertencem a recipientes de grande valor simbólico e social normalmente manipulados e depositados no âmbito de actos e contextos de excepção (Bettencourt 2009).

Embora as escavações arqueológicas, realizadas nas imediações da igreja de Nossa Senhora da Penha, tenham identificado restos de um pavimento de argila endurecida, associado a cerâmicas de tipo Penha, datável de entre os inícios a meados do III a.C. (Bettencourt *et al.* 2003), a sua interpretação deverá relacionar-se com actividades de ar livre efectuadas a par das acções deposicionais em grutas, abrigos e penedos durante esse período (Sampaio *et al.* 2009).

Ao Calcolítico Final ou ao Bronze Inicial pertencerá um machado plano de cobre encontrado nas imediações da fonte de Santa Catarina (Fig. 2, nº 1) (Pina 1928), um gume de um outro machado plano de cobre, originário de uma plataforma na vertente média ou baixa do Monte da Penha, na freguesia de Mesão Frio (Cardoso 1960) (Fig. 2, nº 2) e um braçal de arqueiro, proveniente da plataforma superior do Monte da Penha mas de contexto impreciso (Cardoso 1971).

Os achados das Idades do Bronze Médio e Final parecem concentrar-se a Sul da plataforma superior, em fendas ou em abrigos graníticos, embora também surjam nas plataformas das várias vertentes deste monte (Sampaio *et al.* 2009). Talvez aos finais do Bronze Médio ou aos inícios do Bronze Final (segundo proposta de A. Coffyn 1985) se possa atribuir os dois machados de talão com uma argola (Cardoso 1950) e uma ponta de lança com aletas laterais (Fig. 2, nº 1), objectos estes encontrados, também, nas imediações da fonte de Santa Catarina (Pina 1928). Já

ao Bronze Final corresponderá um cinzel de alvado ou conteira, de origem imprecisa (Cardoso 1968), bem como os depósitos de artefactos metálicos da Pedreira da Pena, no lugar do Telhado, na freguesia de S. Tomé de Abação (Cardoso 1968) (Fig. 2, nº 3) e o da Cantonha, no lugar do Souto Escuro, na freguesia da Costa (Cardoso 1937) (Fig. 2, nº 4). O da Pedreira da Pena, identificado a cerca de 650 m a Su-Sudeste do monumento ao Pio IX, incluía duas pontas de lança de alvado (Fig. 4, nºs 1a e 1b) e uma taça carenada² (Fig 4., nº 1c), objectos encontrados em estreita relação com uma zona de grandes afloramentos (Cardoso 1971). Do interior de um dos alvados foi possível recuperar um resto de madeira carbonizada que permitiu uma datação por radiocarbono que situa o “achado” dentro do Bronze Final regional (Cardoso 1971), ou seja, entre os séculos XIII e X AC. O segundo depósito, identificado numa plataforma da vertente média, a Noroeste, e também entre a penedia, era composto por uma pequena “vasilha” de barro, três braceletes de ouro e, segundo a bibliografia, dois diademas (Cardoso 1937). Do



Figura 4.
O depósito da Pedreira da Pena:
1a e 1b – Pontas de lança
de alvado;
1c – Taça carenada
(desenho: José Ribeiro).

² Forma 12 de Ana M. S. Bettencourt (1999).

conjunto apenas resta um bracelete, actualmente propriedade do Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).

Foram igualmente exumados, de contextos desconhecidos, diversos vasos em bom estado de conservação enquadráveis no Bronze Médio ou no Bronze Final: um vaso subcilíndrico, um púcaro, uma urna, um largo bordo horizontal e dois potes (formas 11, 10, 15, 13 e 5 de Bettencourt 1999, respectivamente), entre outros (Sampaio *et al.* 2009), em depósito no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães. Serão provenientes das escavações arqueológicas efectuadas por Mário Cardoso na área do actual Parque de Campismo da Penha, a Sul da capela de Santa Catarina? Infelizmente ainda não tivemos acesso aos originais do autor para tentar precisar tais contextos.

Sondagens arqueológicas realizadas junto à capela de Santa Catarina dataram de entre os sécs. XI e IX AC, ou seja, do Bronze Final, um lajeado coberto por saibro compactado, estrutura relacionada com escassos fragmentos cerâmicos (Bettencourt *et al.* 2003a) que, naturalmente, se deverão relacionar com as várias actividades desenvolvidas no monte durante este período.

Encontram-se no referido museu, ainda, um ou outro fragmento cerâmico e um vaso inteiro provenientes da Penha cujas características se enquadram na Idade do Ferro. Há, também, a referência do padre António Caldas ao aparecimento, junto ao monumento ao Pio IX, de “*objectos de ferro com feitio de armas*” (Sarmento 1888, p. 111).

4. O MONTE DA SAIA OU DE FRALÃES/ALTO DO LIVRAMENTO

4.1. Caracterização física, ambiental e cultural

O Monte da Saia é aqui considerado como uma unidade geomorfológica que contém os Montes de Fralães e da Feira, plataformas a cotas distintas que fazem parte da sua vertente nascente. No conjunto é um acidente orográfico que se ergue à altitude máxima de cerca de 300 metros, sobranceiro ao rio Este, situado entre as freguesias de Grimancelos, a Sul; de Chavão e Chorente, a Oeste; de Carvalhas a Norte e de Viatodos, a Este (Fig. 1 e 5). Destacando-se da restante envolvente do vale do Este, detém uma forma sensivelmente elíptica no sentido Noroeste-Sudeste, com cerca de 3 km. As suas condições topográficas conferem-lhe boa amplitude visual sobre o território circunvizinho, incluindo a plataforma litoral a Oeste. Dele brotam diversas fontes e cursos de água que engrossam os caudais dos rios Cávado e Este.

O Monte da Saia situa-se numa zona de contacto entre granitos hercínicos e rochas silúricas metamorizadas (Fig. 5). No primeiro grupo o substrato rochoso

inclui granito porfiróide de grão muito grosseiro ou grosseiro, monzonítico, com predomínio de biotites, e granito não porfiróide de grão médio ou grosseiro, também conhecido como Granito de Gondifelos. No grupo das rochas metamorfizadas estão identificadas corneanas, xistos andaluzíticos, granatíferos, luzentes, etc. (C.G.P., fl. 9-A, esc. 1:50 000, 1965).

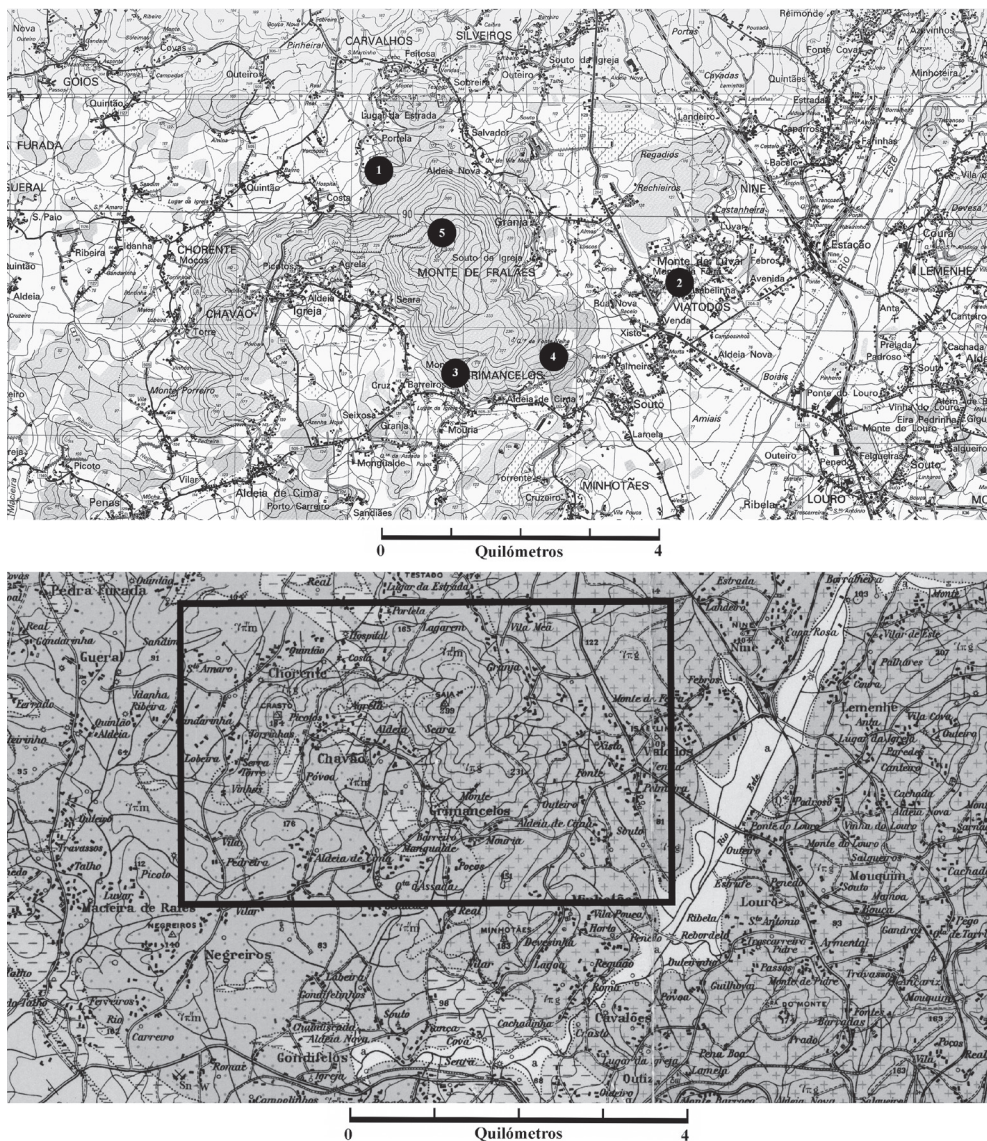


Figura 5. Em cima, excerto de C.M.P., fls. 69 e 83, esc. 1:25 000, com a localização dos diferentes achados no Monte da Saia (a dos n.ºs 2 e 5 é aproximada). Em baixo, excerto de C.G.P., fl. 9-A, Póvoa de Varzim, esc. 1:50 000. O retângulo insere o Monte da Saia.

São comuns os granitos aflorados sob a forma de bolas e blocos que, por vezes agrupados, formam fendas e abrigos (Fig. 6).

Jazidas primárias de estanho estão identificadas a menos de 6 km para Sul, no Monte da Anta de Cavalões, em Pedras Negras/Vilarinho das Cambas (Vila Nova de Famalicão).

O coberto vegetal actual, arbóreo, arbustivo e herbáceo, inclui pinheiros, sobreiros, castanheiros – com acentuado predomínio de eucaliptos –, tojos, urzes, giestas e fetos. Por ser muito denso impede a perfeita percepção da impressividade do caos granítico.

Pelo monte dispersam-se mitos e lendas relacionadas com mouros e bruxas: o “*Sino dos Mouros*” (sons provindos do topo do monte), a lenda da moura encantada (híbrido de mulher e de cobra cuja captura daria acesso a um enorme tesouro), a história da *Bruxa Maria Fidalga* (de cenário medieval e que inclui um abastado senhor e uma bruxa) e a *Fonte do Pegarinho/Pegadinha* (associada a águas com propriedades curativas e a uma pequena depressão na rocha que se diz pertencer à representação da pata do burro da santa) (Sarmento 1888). O Monte da Saia terá sido cristianizado, pelo menos, a partir da Idade Média já que, em frente à actual igreja matriz de Fralães, se erguia um templo românico que terá ruído nos inícios do século XX (Ferreira 1977).



Figura 6.
Agrupamento de grandes
blocos e bolas graníticas
afloradas
formando fendas.

4.2. Ocupação humana durante a Pré-História e a Proto-História

As materialidades permitem aferir que o local foi frequentado desde o Neo-Calcolítico até ao Bronze Final e períodos posteriores, embora no quadro de características distintas.

Durante o Neolítico³ ou Calcolítico, consoante as interpretações para o início da Arte Atlântica do Noroeste, terá sido gravado um afloramento na vertente Noroeste do Monte da Saia conhecido como *Laje dos Sinais* ou, segundo a etimologia popular, como *Monte do Olheiro* (Bettencourt 1999). Trata-se de um complexo de gravuras compósitas incluindo círculos concêntricos, alguns com apêndice radial, entre composições circulares mais complexas, covinhas, espirais e uma “*suástica de braços curvos*” (Coimbra 2004, p. 42), indiciando reutilização durante a Idade do Ferro (Fig. 5, nº 1 e Fig. 7, nº 3).

Ao Calcolítico Final ou ao Bronze Inicial corresponde um machado plano de tipo “Cabrales” (Harbison 1967, p. 118) oriundo de Viatodos, na plataforma baixa da vertente Este do Monte da Saia (Fig. 5, nº 2). A. M. S. Bettencourt (1999) questiona se este não poderá ter feito parte do eventual depósito de machados encontrado no Monte da Feira que J. Ferreira (1977, p. 13) localiza no “*Largo da Jabelinha*”, hoje “*Largo da Isabelinha*”.

Do Bronze Médio será o conjunto áureo encontrado numa grande fenda de um penedo, na Bouça da Tomadia da Mata, freguesia de Grimancelos na vertente Sul do Monte da Saia (Cardoso 1957). Este incluía “*Um fio que teria de diâmetro uns 3 milímetros, enrolado em hélice, o qual estendido atingiria uns 30 a 40 centímetros de comprimento*”, um “*pedaço de tubo*” grosso, sem decoração e um bracelete (Cardoso 1957, p. 184) com decoração puncionada (Ruíz-Gálvez Priego 1984) (Fig. 5, nº 3 e Fig. 7, nº 2). Este conjunto talvez estivesse associado a cerâmica, como se pressupõe do texto de M. Cardoso (1957) e como A. M. S. Bettencourt (1999) havia inferido. Embora se pensasse ter escapado apenas o bracelete, recentemente foi descoberta uma espiral de ouro, no cofre do Museu da Sociedade Martins Sarmento, dada como proveniente deste local (Bettencourt 2009). Contudo, a descrição da peça em hélice referida por M. Cardoso não se coaduna com a espiral que, estendida, não atinge as medidas descritas por este autor. Assim, cabe perguntar se não teria ocorrido outro achado áureo no Monte da Saia, ainda por identificar.

³ Segundo Lara Bacelar Alves (2009, p. 173) “*open air Atlantic Art’s abstract imagery might have already been in use by the fourth millennium BC in north-west Iberia*”. Outros autores recuam cronologicamente estas expressões, situando-as entre o Mesolítico e a Idade do Ferro (Anati 1968), ou consideram-nas mais recentes, enquadrando-as entre os finais do Calcolítico e inícios da Idade do Bronze (Peña Santos & Rey García 1993, Costa Goberna & Novoa Álvarez 1993) ou, apenas, durante a Idade do Bronze (Baptista 1995, Santos Estévez & Criado Boado 1998).

Ao Bronze Final corresponderá o depósito da Quinta da Fonte Velha/Viatodos, encontrado na freguesia de Viatodos, em 1904, “no sopé do monte da Saia ou do Livramento” (Fortes 1905, p. 110-11), “debaixo dum grande penedo quase ao centro cinco palmos abaixo da crusta do solo”, ou seja, mais de 1 metro de profundidade (Fig. 5, nº 4), nas imediações do qual existia uma fonte. O conjunto continha 19 machados de talão de duplo anel, de composições ternárias com elevadas percentagens de chumbo e com diferenças morfológicas entre eles, alguns conservando o cone de fundição (Fig. 7, nº 1a), e 4 lingotes, dos quais 2 informes e 2 plano-convexos, com 1400 g e 1280 g (Fortes 1905) (Fig. 7, nº 1b). Estes objectos estariam associados a uma “panela” ou vasilha em barro entretanto desaparecida (Villas-Bôas 1948). Do Bronze Final será ainda um machado de alvado (Dinis 1993) (Fig. 5, nº 5) encontrado algures no topo do monte e associado a um povoado deste período⁴.

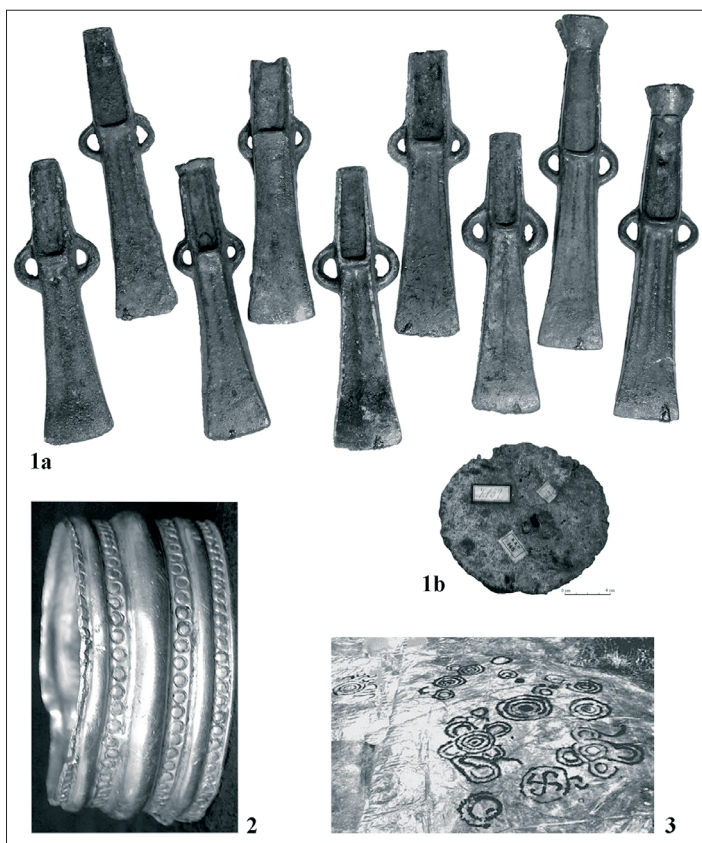


Figura 7.
 1a – Machados de talão do depósito da Fonte Velha (foto: Museu D. Diogo de Sousa, Braga);
 1b – Lingote do depósito da Fonte Velha (foto: Beatriz Comendador Rey);
 2 – Pulseira do depósito da Bouça da Tomadia da Mata (segundo Ana M. S. Bettencourt 2009);
 3 – A *Laje dos Sinais* (segundo F. Coimbra 2004).

⁴ Entre outros autores, P. Kalb (1980), A. Coffyn (1985), A. Dinis (1993), A. M. S. Bettencourt (1999), A. Silva & T. Maciel (2004) e A. Gonzáles Ruibal (2006/2007).

5. OS MONTES DA PENHA E DA SAIA NA ESTRUTURAÇÃO DA PAISAGEM DA IDADE DO BRONZE DO MÉDIO E BAIXO AVE

Tendo em conta os dados expostos e as premissas teóricas enunciadas, parece-nos possível apresentar algumas interpretações originais sobre os papéis sociais dos Montes da Penha e da Saia na rede de lugares existentes durante a Idade do Bronze.

Em primeiro lugar, não há evidências seguras da existência de povoados em ambos os locais. No caso do Monte da Penha, os trabalhos de prospecção e de escavação arqueológica não recolheram dados suficientes que confirmem tal asserção. Embora aí tenha sido possível identificar estruturas do Calcolítico e da Idade do Bronze Final, a diminuta quantidade de cerâmica e de líticos em associação não se coaduna com uma ocupação deste tipo (Sampaio *et al.* 2009). Quanto ao Monte da Saia, a falta de escavações arqueológicas não poderá suportar inquestionavelmente o pressuposto de que aí teria existido um povoado do Bronze Final apenas com base nos artefactos metálicos encontrados. Na verdade, do seu topo há descrições de estruturas pétreas de planta circular e de linhas de muralha e, na vertente Oeste, conhece-se um balneário (Torres 1876-1877; Sarmiento 1970) e dois baixos-relevos em granito (Vasconcelos 1913), materialidades que se inserem na Idade do Ferro ou na Romanização. Além disto, há ainda a referência à desaparecida estátua do “guerreiro de Midões”, também desta fase, que alguns autores (Almeida 1996; Alarcão 1998) consideram provir do Monte da Saia.

Excluída esta hipótese, há que tentar interpretar a presença destes grupos de objectos metálicos em ambos os lugares no quadro da bacia do médio e baixo Ave, quer ao nível dos seus micro-contextos de achado quer ao nível da interacção destes contextos com as características geomorfológicas, geológicas e hidrológicas de cada um dos montes. Deste modo e tendo em conta as premissas enunciadas neste trabalho; a raridade dos objectos encontrados; as matérias com que foram fabricados (cobre, estanho e ouro); o facto de alguns deles poderem associar-se a recipientes cerâmicos (Pedreira da Pena/Telhado; Cantonha; Quinta da Fonte Velha/Viatodos; Bouça da Tomadia da Mata) e os micro-contextos em que ocorreram, isto é, entre fendas, sob penedos, perto de fontes, etc., pensamos que podem ser interpretados como resultantes de actos de deposição intencionais em locais ocultos, ou seja, como **depósitos de carácter simbólico**. De destacar, também, o facto de alguns objectos metálicos não estarem acabados (a pulseira da Bouça da Tomadia da Mata⁵ e os machados da Quinta da Fonte Velha/Viatodos⁶), o que inviabilizaria

⁵ Que, aparentemente, “*fora cortada a golpes de cinzel pelo meio da série de pequenas circunferências*”, sendo que “*o seccionamento não foi praticado em data recente, pois a patina da jóia é uniforme em toda a superfície*” (Cardoso 1959, p. 183).

⁶ Nomeadamente, os cones e as rebarbas de fundição identificadas em alguns dos exemplares.

a sua utilização “prática” e constituiria um dado mais a favor da hipótese de terem sido fabricados, manipulados e amortizados como **símbolos**, no quadro de um universo ideológico que valorizaria o papel do metal e de determinados lugares relacionados com penedos e/ou com as águas. Assim, é provável que os restantes achados metálicos encontrados nestes montes, embora hoje descontextualizados em termos de micro-escala de análise, possam também ser oriundos de actos que culminaram em deposições intencionais em contextos fechados.

Do Monte da Penha são também provenientes diversos materiais líticos e cerâmicos, atribuíveis possivelmente ao Calcolítico/Bronze Inicial, cuja proveniência de contextos deposicionais, alguns deles funerários, já defendemos noutro trabalho (Sampaio *et al.* 2009). Curiosa é também a descoberta de diversos recipientes cerâmicos inteiros da Idade do Bronze que, pelo seu bom estado de conservação, permitiram associar a sua origem a contextos fechados (*idem*). A totalidade destes achados consente-nos uma segunda interpretação: a de que o Monte da Penha foi um “lugar” frequentado ciclicamente na longa duração e celebrado e/ou vivenciado através de deposições desde o Calcolítico até, pelo menos, ao Bronze Final (Sampaio *et al.* 2009). De igual modo, com base nos dados do Monte da Saia, ou seja, nas gravuras rupestres da Lage dos Sinais/Monte do Olheiro, de origem Neo-Calcolíticas e reinterpretadas, pelo menos, durante a Idade do Ferro, e nos depósitos metálicos do Calcolítico Final/Bronze Inicial, do Bronze Médio e do Bronze Final, este terá sido, também, um lugar simbolicamente activo na longa duração.

Partindo do pressuposto que as comunidades habitaram uma rede de lugares interconectados entre si mas com significados distintos (povoados, necrópoles, lugares de depósitos metálicos, lugares gravados, entre outros); que o espaço físico seria animado, sendo alguns lugares mais significantes do que outros; que os depósitos metálicos teriam um grande valor simbólico (pelas formas dos artefactos, pelas matérias-primas com que foram realizados e pelo processo de transformação tecnológica que implicaram) e que estes potenciarium ou alterariam os sentidos originários dos lugares onde seriam amortizados, os **Montes da Penha e da Saia teriam sido lugares comemorados através de cerimoniais de grande importância colectiva e simbólica para as populações que os frequentaram numa ampla diacronia, nomeadamente durante a Idade do Bronze**⁷.

Tornados especiais no quadro de biografias experienciadas, sentidas, vividas e conhecidas pelas populações, seriam parte integrante de uma vasta paisagem

⁷ A religiosidade destes montes é perceptível na memória folclórica e nas lendas ligadas à ressonância das rochas, às propriedades curativas ou destrutivas das águas, ao facto de serem lugares onde habitam seres imaginários ou transcendentais, como as bruxas e as santas, detentores de poderes supra-naturais e de serem, ainda hoje, lugares de grandes festividades religiosas.

repleta de significados, recorrente e diacronicamente interpretados e reinterpretados. Como tal, estes lugares poderão ter sido **determinantes na estruturação e organização da paisagem**, com reflexos na movimentação e na distribuição espacial dos grupos humanos. A intensa rede de povoamento da Idade do Bronze que se encontra nas suas imediações, e que se estuda no âmbito dos projectos em que se desenvolve este trabalho parece reforçar esta hipótese (cf., por exemplo, Sampaio & Bettencourt 2011). Tal justifica, também, que tivessem sido alvo de práticas que fomentassem o seu papel metafórico no âmbito da estruturação, da organização e da percepção que as comunidades tiveram do espaço com que interagiram. Por esse mesmo motivo, seria natural que fossem celebrados, ofertados e/ou reinterpretados através de diversas acções públicas.

Como refere R. Bradley (2009), será importante notar que muitos destes sítios foram identificados pelas populações por causa da sua aparência distinta, mesmo que essa aparência não seja (para o homem moderno) de fácil compreensão ou identificação. Nesta perspectiva, as duas unidades geomorfológicas apresentam características dignas de nota, já que se localizam em áreas de importantes “corredores naturais” de circulação e em lugares liminares. O Monte da Penha fica na confluência dos rios Selho e Vizela, enquanto o da Saia se situa no limite da plataforma litoral com as terras mais interiores. Ambos são visíveis a dezenas de quilómetros, fruto da sua proeminência, funcionando como verdadeiros marcos ou referências no espaço. Da mesma forma, deles se obtêm um amplo domínio visual sobre o território circunvizinho. Além disso, são lugares que encerram grande impressividade e dramatismo que a singularidade das suas geoformas graníticas e nascentes, brotando entre os caos de blocos, acentuam. De realçar, ainda, que nas suas proximidades poderiam ter existido áreas de captação de estanho de aluvião. Todas estas características poderão ter contribuído para que estes dois montes fossem lugares socialmente e colectivamente importantes na bacia do Ave, durante a Pré-história Recente e os inícios da Proto-História.

Será contudo pertinente levantar um grupo de questões ligadas com as acções inerentes à problemática dos depósitos da Idade do Bronze e que têm que ver com as relações de poder. Quem promoveria tais acções? Quais os parâmetros para a escolha dos locais precisos dos depósitos, dentro de um contexto mais abrangente? Quem calendarizaria, oficiaria e, por sua vez, assistiria a estes actos? E porque permaneceram estes locais inviolados? Trata-se, sem dúvida, de um fenómeno que parece espelhar bem a complexidade social das comunidades da Idade do Bronze.

AGRADECIMENTOS

Trabalho realizado no âmbito dos projectos *A Idade do Bronze no vale do Ave* (IBVA 2008/1 (554) e *Espaços naturais, arquitecturas, arte rupestre e deposições na pré-história recente da fachada ocidental do centro-norte português: das acções aos significados* – ENARDAS (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), financiado pelo Programa Operacional Temático Factores de Competitividade (COMPETE) e participado pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, J. (1998). Ainda sobre a localização dos Populi do Conventus Bracaraugustanus. *Anales de Arqueología Cordobesa*. 9. 51-57.
- ALMEIDA, C. A. B. (1996). *Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho III. Inventário arqueológico do concelho de Barcelos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento.
- ALVES, L. B. (2003). *The movement of signs. Post-glacial rock art in north-western Iberia*. Reading: University of Reading. Tese de Doutoramento.
- ARMBRUSTER, B. & PARREIRA, R. (1993). *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria. Do Calcolítico à Idade do Bronze* (1º vol.). Lisboa: Secretaria do Estado da Cultura/ Instituto Português de Museus/Inventário do Património Cultural.
- BAPTISTA, A. M. (1995). O santuário rupestre da Bouça do Colado. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*. Lisboa: IPM/MNA/Secretaria do Estado da Cultura. p. 97-98.
- BARRETT, J. C. (2001). Agency, the duality of structure, and the problem of the archaeological record. In HODDER, I. (ed.). *Archaeological Theory Today*. Cambridge: Polity Press. p. 141-164.
- BARROSO, P. (2004). *Romarias de Guimarães – património simbólico, religioso e popular*. Guimarães: NEPS/Universidade do Minho.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1999). *A Paisagem e o homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*. Braga: Universidade do Minho. Tese de Doutoramento. 3 vols.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2001). Aspectos da metalurgia do bronze durante a Proto-História do Entre Douro e Minho. *Arqueologia*. 26. 13-40.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2008). Life and death in the Bronze Age of the NW Iberian Peninsula. In FAHLANDER, F. & OESTIGAARD, T. (eds.). *The Materiality of Death-Bodies, Burials, Beliefs*. BAR International Series 1768. Oxford: Archeopress. p. 99-104.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2009). A Pré-História do Minho: do Neolítico à Idade do Bronze. In PEREIRA, P. (coord.). *Minho. Traços de Identidade*. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho. p. 70-113.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2011). Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular. In BUENO, P.; GILMAN, A.; MARTÍN MORALES, C. & SÁNCHEZ-PALENCIA, F. J. (eds.). *Arqueología, Sociedad, Territorio y Paisaje. Estudios sobre Prehistoria Reciente, Protohistoria y Transición al Mundo Romano en Homenaje a M^a Dolores Fernández Posse*. Bibliotheca Praehistorica Hispana (BPH) XXVII. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Historia. p. 115-139.

- BETTENCOURT, A. M. S.; DINIS, A.; CRUZ, C. & SILVA, I. S. (2003a). A estação arqueológica da Idade do Bronze de Santa Catarina, Guimarães (Norte de Portugal). Resultado dos trabalhos arqueológicos de 2002. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 43(3-4). 163-179.
- BETTENCOURT, A. M. S.; DINIS, A. & SILVA, I. S. (2003b). A estação arqueológica de Nossa Senhora da Penha, Guimarães (Norte de Portugal): notícia preliminar das escavações de 2002. *Trabalhos Antropologia Etnologia*. 43(3-4). 137-162.
- BETTENCOURT, A. M. S. & DINIS, A. (2009). A Arte Atlântica do Crastoeiro (Norte de Portugal): contextos e significados. *Gallaecia*. 28. 41-47.
- BRADLEY, R. (2000). *An Archaeology of Natural Places*. London and New York: Routledge.
- BRADLEY, R. (2009). Dead Stone and Living Rock. In O'CONNOR, B.; COONEY, G. & CHAPMAN, J. (eds.). *Materialitas. Working Stone, Carving Identity*. Prehistoric Society Research Paper 3. p. 1-8.
- BRÜCK, J. & GOODMAN, M. (2001). Introduction: themes for a critical archaeology of prehistoric settlement. In BRÜCK, J. & GOODMAN, M. (eds.). *Making Places in Prehistoric World*. London: UCL Press. p. 1-19.
- CARDOSO, M. (1937). Um crime de lesa-arte. *Revista de Guimarães*. 47(1-2). 87-94.
- CARDOSO, M. (1950). Museu. *Revista de Guimarães*. 60(1-2). 337.
- CARDOSO, M. (1951). Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*. 61(1-2). 5-80.
- CARDOSO, M. (1957). Notícia de uma jóia antiga adquirida pelo Museu de "Martins Sarmento". *Revista de Guimarães*. 67(1-2). 179-184.
- CARDOSO, M. (1958). Museu. *Revista de Guimarães*. 68(3-4). 568.
- CARDOSO, M. (1960). Breves observações a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos da Idade do Bronze, pertencentes ao Museu de "Martins Sarmento". *Revista de Guimarães*. 70(1-2). 169-184.
- CARDOSO, M. (1968). Novo achado da Idade do Bronze na estação arqueológica da Penha (Guimarães). *Revista de Guimarães*. 78(3-4). 273-281.
- CARDOSO, M. (1971). A estação pré-histórica da serra da Penha (Guimarães). In *Actas do II.º Congresso Nacional de Arqueologia*. 1. p. 239-268.
- COFFYN, A. (1983). La fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal. *O Arqueólogo Português*. 1 (4ª Série). 169-196.
- COFFYN, A. (1985). *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibrérique*. Bordeaux: Université de Bordeaux III.
- COIMBRA, F. (2004). Arte rupestre do concelho de Barcelos (Portugal). Subsídios para o seu estudo. *Anuario Brigantino*. 27. 38-70.
- COMENDADOR REY, B. (1998). *Los inicios de la metalurgia en el Noroeste de la Península Ibérica*. Brigantium 11. A Coruña: Museu Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón.
- CORTEZ, R. (1946). *Machados e outros objectos de bronze*. Porto: Museu Nacional Soares dos Reis.
- COSTAS GOBERNA, J. & NOVOA ÁLVAREZ, P. (1993). *Los grabados rupestres de Galicia*. Monografías do Museu Arqueológico e Histórico de A Coruña – 6. A Coruña.
- DINIS, A. (1993). *Ordenamento do território no Baixo Ave no 1.º milénio a.C.*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- DIETLER, M. & HERBICH, I. (1993). Living on Luo Time: Reckoning Sequence, Duration, History and Biography in a Rural African Society. *World Archaeology*. 25. 248-260.

- FELD, S. & BASSO, K. H. (1996). *Senses of Place*. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press.
- FERREIRA, J. (1977). O Monte d'Assaia. *Arqueologia e História*. Barcelos: Clube Rotário de Barcelos.
- FORTES, J. (1905). Tesouro de Viatodos – Da idade do Bronze. *Portugalia*. 2. 110-111.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. (2006/2007). *Galaicos. Poder y comunidade en el Noroeste de la Península ibérica (1200 a.C. – 50 d.C.)*. Tomo I. Brigantium 18. A Coruña: Boletín do Museo Arqueolóxico e Histórico da Coruña.
- HARBINSON, P. (1967). Mediterranean and atlantic elements in Early Bronze Age of Northern Portugal and Galicia. *Madrider Mitteilungen*. 8. 100-122.
- HARTMANN, A. (1971). Análises de alguns objectos pré-históricos de ouro, procedentes do Norte de Portugal. *Revista de Guimarães*. 81(1-2). 129-132.
- HARTMANN (1982). *Prähistorische goldfunde aus Europa II*. Berlim: Gebr. Mann Verlag.
- INGOLD, T. (1993). The Temporality of the Landscape. *World Archaeology*. 25(2). 24-174.
- INGOLD, T. (2000). *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge.
- JUNGHANS, S.; SANGMEISTER, E. & SCHRÖDER, M. (1968). *Kupfer und Bronze in den frühen Metallzeit Europas, Die Materialgruppen beim Stand von 12000 Analysen II*. SAM 2. Berlin.
- KALB, P. (1980). Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Germania*. 58. 25-115.
- MERLEAU-PONTY, M. ([1945] 1962). *Phenomenology of Perception*. Routledge & Kegan Paul.
- MONTEAGUDO, L. (1977). *Prähistorische bronzefunde. Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. Universidade de Santiago de Compostela.
- NUNES, H. B. (1994). *Obras de Mário Cardoso* (Volume I). Porto: Fundação Engenheiro António Almeida.
- PEÑA SANTOS, A. & REY GARCÍA, J. M. (1993). El espacio de la representación. El arte rupestre galaico desde una perspectiva territorial. *Revista de Estudos Provinciais*. 10. 12-50.
- PINA, J. L. (1928). A Penha eneolítica. *Revista de Guimarães*. 38(3-4). 135-138.
- POLLARD, J. (2001). These places have their moments': thoughts on settlement practices in the British Neolithic. In BRÜCK, J. & GOODMAN, M. (eds.). *Making Places in Prehistoric World*. London: UCL Press. p. 76-93.
- RUÍZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1984). *La Península Ibérica y sus relaciones con el círculo cultural atlántico*. Madrid: Universidad Complutense. 2 vols.
- SAMPAIO, H. A.; BETTENCOURT, A. M. S. & ALVES, M. I. C. (2009). O Monte da Penha, Guimarães, como cenário de acções de incorporação e de comemoração do espaço na Pré-história da bacia do Ave. In BETTENCOURT, A. M. S. & ALVES, L. B. (eds). *Dos Montes, das pedras e das águas. Formas de interacção com o espaço natural da pré-história à actualidade*. Braga: CITCEM/APEQ. p. 55-76.
- SAMPAIO, H. A. S. & BETTENCOURT, A. M. S. (2011). Produção e práticas metalúrgicas da Idade do Bronze no Noroeste português: o sítio do Pego, Braga. In MARTINS, C. M. B.; BETTENCOURT, A. M. S.; MARTINS, J. I. F. P. & CARVALHO, J. (coord.). *Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: CITCEM/APEQ. p. 391-407.
- SANTOS ESTÉVEZ, M. & CRIADO BOADO, F. (1998). Espacios rupestres: del panel al paisaje. *Arqueologia Espacial*. 19-20. Teruel. 579-595.
- SARMENTO, F. M. (1895). Materiaes para a archeologia da comarca de Barcelos. *Revista de Ciências Naturaes e sociaes*. 3. 193-194.
- SARMENTO, F. M. (1888). Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*. 5(3). 109-121.

O PAPEL SOCIAL DAS AMORTIZAÇÕES METÁLICAS NA ESTRUTURAÇÃO DA PAISAGEM DA IDADE
DO BRONZE DO NOROESTE PORTUGUÊS

- SARMENTO, F. M. (1970). Antiqua. *Revista de Guimarães*. 80(1-2). 11-72.
- SARMENTO, F. M. (1999). *Antiqua*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- SAVORY, A. (1951). A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa. *Revista de Guimarães*. 61(3-4). 323-377.
- S/A (1932). Boletim. Extractos e Resumos das Actas das Sessões. *Revista de Guimarães*. 42(1-2). 120.
- SILVA, A. C. F. & MACIEL, T. (2004). Balneários castrejos do Noroeste peninsular. Notícia de um novo monumento do Castro de Roques. *Portugalia*. 25. Nova Série. 115-131.
- THOMAS, J. (2001). Archaeologies of place and landscape. In HODDER, I. (ed.). *Archaeological Theory Today*. Cambridge: Polity Press. p. 165-186.
- THOMAS, J. (2004). *Archaeology and Modernity*. London and New York: Routledge.
- TILLEY, C. (2004). *The Materiality of Stone*. Oxford.
- TORRES, J. (1876). As ruínas existentes no Monte da Saia. *Comércio do Lima*. 52 (22/11/1876).
- TORRES, J. (1877). As ruínas existentes no Monte da Saia. *Comércio do Lima*. 59 (10/01/1877).
- VASCONCELOS, J. L. (1913). *Religiões da Lusitânia*. 3. Lisboa. p. 510-512.
- VAN DYKE, R. M. & ALCOCK, S. (2003). Archaeologies of Memory: an introduction. In VAN DYKE, R. M. & ALCOCK, S. E. (eds.). *Archaeologies of Memory*. Oxford: Blackwell. p. 1-13.
- VILAÇA, R. (2007). *Depósitos de bronze do território português. Um debate em aberto*. Conimbriga, Anexos 5. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- VILLAS-BÔAS, J. S. (1948). Um machado de bronze. *Boletim do Grupo de Alacides de Faria*. 1(1). 13-19.

Resumo: O presente artigo interpreta, à vista de novas premissas, o papel social que poderão ter desempenhado as deposições ou amortizações de objectos metálicos em lugares como o Monte da Penha (Guimarães) e o Monte da Saia (Barcelos) e que importâncias poderão ter tido estes lugares nas paisagens da Idade do Bronze.

Entende-se “paisagem” como palco e produto da agência humana que continuamente cria e recria lugares, algo complexo e imbuído de acentuada dinâmica (Ingold 2000; Barrett 2001), e aceita-se “lugar” como todo o sítio resultante da acção de memórias e de outras práticas que incute nas comunidades que com ele contactam um sentido de pertença, tornando-o num espaço de significados de grande importância social (Van Dyke & Alcock 2003). Paisagem será uma rede de lugares relacionados revelada por actividades e interacções quotidianas e pela afinidade por determinados locais desenvolvida através de eventos marcantes, levando à sua incorporação em memórias e histórias (Thomas 2001, p. 173).

A partir destas premissas e da análise das amortizações metálicas em interacção com aqueles dois lugares, coloca-se a hipótese de que os depósitos sejam a materialização de determinadas acções sociais, dentro de quadros de integração e de ordenação simbólica comunitária, no mundo em que estas se imergem, celebrando ou incorporando “lugares”. Tal, aliás, já foi defendido para o Monte da Penha (Sampaio *et al.* 2009), onde acções de carácter excepcional, como a deposição de objectos metálicos em cobre, em bronze e em ouro, entre outros, poderiam corporalizar um lugar de grande importância colectiva na paisagem da Idade do Bronze da bacia do Ave, indiciando a sua dissimulação actos de incorporação do mundo circundante, no âmbito de processos de construção e reinterpretação de memórias colectivas ancestrais.

Este tipo de interpretação aloca complexidade aos lugares vividos, experienciados e percebidos durante a Idade do Bronze, para além das tradicionais classificações taxonómicas de povoados e depósitos: “*Personal and group identity, moral order, and social organization are all embedded in human relationships with the land*” (Thomas 2001, p. 176).

Palavras-chave: Idade do Bronze, Montes da Penha e da Saia, Materialidades, Amortizações metálicas, Lugares de grande significação colectiva.

Abstract: Based on new assumptions, this article interprets the social role that depositions of metallic objects may have had in places like Penha’s Mount (Guimarães) and Saia’s Mount (Barcelos). Also, we try to perceive the importance that these places have had in the Bronze Age landscapes. We understand “landscape” as a stage and as product of human agency which continuously creates and recreates places (Ingold 2000; Barrett 2001), something complex and imbued with strong dynamics, and “place” as any site which, due to the action of memories and other practices, inculcates in the communities a sense of belonging, rendering it in a spot of great social significances (Van Dyke & Alcock 2003). Landscape will be a “*network of related places*” revealed by quotidian interactions and activities and by certain locals affinity developed through marking events, leading to its incorporation in memories and stories (Thomas 2001, p. 173).

From these assumptions and from the analysis of the metallic amortizations in interaction with those two places, it is raised the hypothesis that the hoards may materialize certain social actions. Such actions, within frames of integration and communal symbolic order in the world in which communities are immersed, may have served the celebration or the incorporation of “places”. This has been already defended to the Penha’s Mount (Sampaio *et al.* 2009), where some exceptional actions, such as the deposition of copper, bronze and gold objects, could had embodied a place of collective importance in the Bronze Age landscape

of Ave's basin. Here, the objects concealment indicates incorporative acts of the surrounding world, within construction and reinterpretation processes of ancient collective memories. This type of interpretation assigns complexity to places lived, experienced and perceived during the Bronze Age, beyond the taxonomic classifications of settlement or hoards traditionally equated: "*Personal and group identity, moral order, and social organization are all embedded in human relationships with the land*" (Thomas 2001, p. 176).

Key-words: Bronze Age, Penha's and Saia's Mounts, Metallic amortizations, Materialities, Places of collective significance.